

O ENSINO DA DOCTRINA CHRISTAN

# CARTA PASTORAL

DE

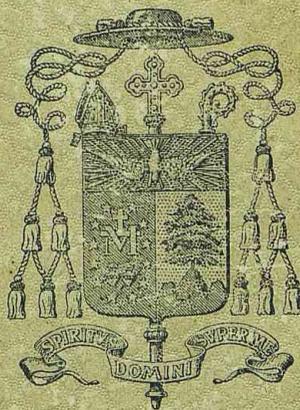
D. Fernando de Souza Monteiro, c. m.

Bispo do Espirito Santo,

annunciando e mandando cumprir em sua Diocese

a Encyclica — "ACERBO NIMIS"

de S. S. o Papa — Pio X



RIO DE JANEIRO

Typ. do jornal do Commercio de Rodrigues & C.

1905

O ENSINO DA DOCTRINA CHRISTAN

---

# CARTA PASTORAL

DE

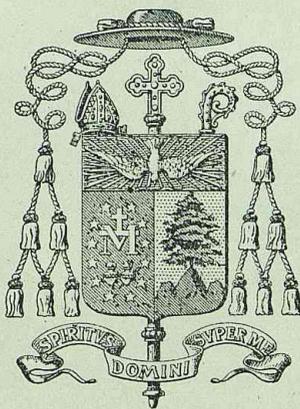
D. Fernando de Souza Monteiro, c. m.

Bispo do Espirito Santo,

annunciando e mandando cumprir em sua Diocese

a Encyclica — “ACERBO NIMIS”

de S. S. o Papa Pio X



RIO DE JANEIRO

Typ. do *jornal de Commercio* de Rodrigues & C.

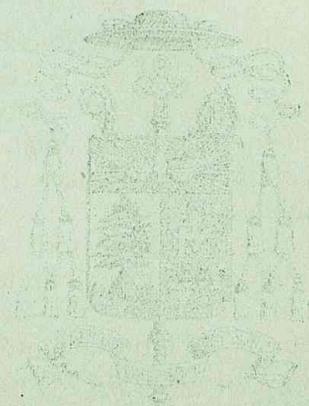
1905

123

O BENSINO DA DOUTRINA CRISTÃ

# CARTA PASTORAL

D. Fernando de Sousa Martins



Em Coimbra, a 15 de Junho de 1877

1877

# D. FERNANDO DE SOUZA MONTEIRO, c. m.

POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTOLICA

BISPO DO ESPIRITO SANTO

Ao Rvmo. Clero e aos Fieis da Diocese do Espirito Santo, saudação e paz  
em Nosso Senhor Jesus Christo

---

Carissimos Irmãos e Filhos

Sua Santidade o Papa Pio X acaba de dirigir a todos os Exmos. Srs. Bispos a Encyclica — « *Acerbo nimis* » — em que trata do ensino da Doutrina Christian e lhes recommenda que sem a menor demora — *nulla mora* — a communicem aos seus Diocesanos, zelem cuidadosamente para que seja cumprida integralmente — *integre* — e usem de toda sua auctoridade para que nenhum dos pontos da referida Encyclica seja entregue ao esquecimento — *ne . . . oblivioni dentur* — ou cumprida defeituosamente e com negligencia — *vel remisse oscitanterque impleantur*.

Ainda que muito occupado com os trabalhos da Visita Pastoral, que pela misericordia divina tem produzido optimos resultados, com summo prazer Vimos desde já dar prompta execução a essa ordem emanada do Vigario de Jesus-Christo, e vos Commu-

nicamos, carissimos Irmãos e Filhos, essa nova Encyclica, que nos mostra claramente o desejo ardente em que se abrasa o grande coração do Summo Pontifice, de ver tudo restaurado em Christo, e incita a cada um de nós a se entregar, sem poupar sacrificio algum, á propagação da *Doctrina Christian*, declarando guerra atróz á ignorancia religiosa e pondo em pratica com escrupuloso amor e apostolico zelo, todas as determinações, que o espirito *esclarecido e prudente* do Vigario de Jesus-Christo julgou necessarias, inadiaveis e capazes de regenerar a sociedade christian.

Essa Encyclica é tão clara e bella, que Receiamos com qualquer explicação diminuir-lhe o brilho e singela clareza.

Nós a Lemos diversas vezes, Meditamol-a e não Nos Sentimos ainda satisfeitos; tal é o encanto que nosso espirito nella encontrou.

Fazei o mesmo, carissimos Irmãos e Filhos; fazei-o, porém, com filial amor, como filhos dedicados, que conversam com seu pae amantissimo e lhe ouvem os conselhos. Fazei-o com desejo sincero de praticar tudo quanto alli vos fôr determinado, pois é o Soberano Pontifice que vos falla, vos convida e ordena; e á proporção que aquellas paternaes palavras forem penetrando em vosso espirito, ireis descobrindo a grandeza d'alma, o primor das virtudes, a agudeza da intelligencia, o desejo de se entregar todo ao serviço de Jesus-Christo, a sêde ardente da salvação das almas e o amor do sacrificio, que ornarn a augusta pessoa do Pae Commum dos Fieis.

Lêde com attenção essa Encyclica, e vos convencereis sem duvida, não só dos males immensos que a ignorancia religiosa vae occasionando aos indi-

viduos, ás familias e á sociedade como tambem da necessidade imperiosa em que vos achaes de combater essa ignorancia, diffundindo entre os homens o ensinamento da religião de Jesus-Christo.

Vêde como vos mostra o Santo Padre até a evidencia o modo pelo qual a instrucção religiosa, se introduzindo na sociedade, a regenera completamente, apontando a todos e cada um dos chistãos os seus deveres para com Deus, para consigo e para com o proximo; fornece-lhes ao mesmo tempo o meio de satisfazer com perfeição a todos esses deveres e dá-lhes a força sobrenatural, a graça divina, de que necessitam para esse fim.

Não haverá certamente sacerdote algum tão insensível que com a leitura reflectida dessa Encyclica não se compenetre da gravissima obrigação — *gravissimum munus* — que lhe cabe de ensinar, simples, clara, minuciosa e caprichosamente a Doutrina Christiana—*Intento veluti digito commonstrare quo pacto componant mores.*

Deus o destinou, lhe adverte o Summo Pontifice, para essa missão sublime — *Ad eam impertendam destinat Deus* — a mais grave de suas obrigações — *graviori officio teneri* — e o mais forte vinculo que o prende perante Deus e sua consciencia—*nullo arctiori nexu obligari.*

Sem duvida alguma não poderá nem siquer duvidar que a negligencia nesse ponto acarretará forçosamente a infructuosidade absoluta de todo o seu sagrado ministerio; vãoos deverão ser os seus esforços e trabalhos—*qui si deest, fundamenta desunt*— nullo o resultado que por ventura pretenda esperar —*qui demum bene moratas progenies expectes, si non tempore fuerint Christiana Doctrina instituta?*

Não é verdade, caríssimos Irmãos e Filhos, que perante essa sublime Encyclica, toda e qualquer excusa cae por terra, toda difficuldade desaparece?

As pessoas, que devem ensinar, aquelles aos quaes se deve ensinar, a época do anno em que se deve tractar dessas ou daquellas verdades, o livro que deve servir de base ás nossas instrucções, tudo alli está delineado com tal precisão e clareza, que só nos resta dizer: *dixi, nunc coepi*; si até hoje houve qualquer negligencia de minha parte no cumprimento desse meu importantissimo e sagrado dever, vou reparal-a sem perda de tempo; minha vida será consumida no ensino mais perfeito possivel da religião do meu Deus, e para isso desde já me inscrevo no numero daquelles, que se alistam sob a bandeira do Vigario de Jesus-Christo na grande cruzada do ensinamento da Doutrina Christan—*Si quis est Domini, jungatur mihi* (\*).

Declaramos portanto desde já em pleno vigor nesta Diocese do Espírito Santo a Encyclica «*Acerbo nimis*» de S. S. o Papa Pio X; queremos e Mandamos que as determinações feitas pelo Summo Pontifice sob os ns. 1º, 2º, 3º, 4º e 6º, sejam observadas em toda sua extensão e com a maior exactidão.

E' verdade que circumstancias especiaes desta Diocese não Nos permitem por emquanto dar execução ao que se contem no numero 5º; entretanto sem perda de tempo Vamos cogitar dos meios conducentes áquelle fim, e temos grande confiança que a Immaculada Virgem Maria não deixará baldados os nossos esforços.

---

(\*) Exod. XXXII, 26.

Para maior clareza de tudo quanto vos fica dito, dilectos Irmãos e Filhos, Ajuntamos a esta carta pastoral a Encyclica «*Acerbo nimis*» traduzida em portuguez e mandamos que ella e a Pastoral, que a precedê, sejam lidas á estação da Missa pelos RR. Srs. Vigários e Capellães em suas Matrizes, Capellas e Oratorios publicos, desde o primeiro Domingo ou dia festivo após sua recepção e depois archivada.

Dada e passada em a santa Visita Pastoral na residencia dos Rvmos. Padres Capuchinhos, Parochia de Santa Thereza sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, na Festa dos gloriosos principes da Igreja, S. Pedro e S. Paulo, 29 de Junho, 1905.

L. † S.

† FERNANDO, Bispo do Espirito Santo, c. m.

LIBRARY

OF THE

CONGREGATION OF THE

SAINTS

OF THE

DIocese of

...

PIO X. PAPA

...

...

# CARTA ENCYCLICA

## de Sua Santidade **PIO X**

Papa pela divina providencia

---

Aos Bispos de todo o universo catholico

Do ensino da doutrina christan

*Aos Nossos Veneraveis Irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica.*

## **PIO X, PAPA**

Veneraveis Irmãos, saudação e benção apostolica

Em tempo muito cruel e difficil, por secreto designio de Deus, foi a Nossa fraqueza elevada ao cargo de pastor supremo, para governar todo o rebanho de Christo. Com effeito, o homem inimigo anda ha muito tempo em redor d'este rebanho e prepara-lhe embustes com a mais engenhosa astucia, de maneira que agora mais que nunca parece verificar se o que dizia o Apostolo aos seniores da Egreja de Epheso : « Sei que . . . entrarão lobos rapaces entre vós que não pouparão o rebanho » (*Act. XX, 29*). Quem é zeloso pela gloria divina procura as causas d'esta crise que a religião soffre. Cada um aponta a sua e

cada um tambem, a seu modo, emprega meios para defender e restaurar o reino de Deus sobre a terra. Quanto a Nós, Veneraveis Irmãos, sem negarmos as outras causas, unimo-Nos de preferencia ao sentimento d'aquelles que vêem na ignorancia das cousas divinas a causa do enfraquecimento actual e da imbecilidade das almas e dos tão graves males que se lhes seguem. Isto harmonisa-se plenamente com o que Deus disse pelo propheta Oseas: «E o conhecimento de Deus não existe mais sobre a terra. A maldição, a mentira, o homicidio, o furto, o adulterio transbordam e o sangue de uns se derrama sobre o de outros. Por isso é que a terra chorará, e todo o homem que a habita, se enfraquecerá» (Os. IV, 1, ss.).

E, na verdade, na nossa época todos se queixam que entre o povo christão tantos homens ignorem profundamente as verdades necessarias á salvação, e estas queixas não são infelizmente injustas. Quando dizemos o povo christão, não fallamos sómente do povo ou dos homens das classes inferiores, que frequentes vezes encontram desculpa no facto de que, obedecendo a patrões crueis, mal pôdem pensar em si e nos seus negocios: fallamos tambem e principalmente d'aquelles a que não faltam intelligencia e cultura, que estão bem providos de erudição profana, e todavia no que toca a religião vivem da maneira mais temeraria e imprudente. Difficil é dizer em que espessas trévas estão, por vezes, mergulhados, e—o que é mais doloroso—n'ellas jazem tranquillamente! De Deus, soberano auctor e governador de todas as cousas e da sabedoria da fé christan não têm quasi cuidado algum. Portanto, não conhecem nada nem da encarnação do Verbo de Deus, nem da perfeita

restauração do genero humano por elle ; não sabem nada da graça, principal auxilio para alcançar os bens eternos, nem do augusto sacrificio, nem dos sacramentos, pelos quaes obtemos e conservamos a graça. Não avaliam de nenhum modo quanta malicia e torpeza é inherente ao peccado; consequentemente, não ha nenhum cuidado de o evitar ou de o abandonar; e chega-se ao ultimo dia em taes disposições que o padre, para não tirar a esperança da salvação, deve empregar em ensinar summariamente a religião, aquelles extremos momentos que deviam ser consagrados principalmente a fazer actos de amor de Deus; e muitas vezes, o que quasi se tornou uso, é tamanha a ignorancia que se julga superfluo o ministerio do padre, e se pensa poder transpôr os terriveis umbraes da eternidade com espirito tranquillo, sem reconciliar-se com Deus. Por isso, com razão escreveu o Nosso predecessor, Bento XIV : «Nós affirmamos que uma grande parte d'aquelles que estão condemnados aos supplicios eternos, soffrem sempre esta desgraça por causa da sua ignorancia dos mysterios da fé que devem necessariamente saber e crer para serem contados entre os eleitos» (*Inst.* XXVI, 18).

Estando assim as coisas, Veneraveis Irmãos, porque nos admirarmos que a corrupção dos costumes e a depravação sejam tão grandes e cresçam de dia para dia, não digo entre as nações barbaras, mas entre os mesmos povos christãos? Com razão o apostolo S. Paulo, escrevendo aos Ephesios, dizia : «Portanto a luxuria e toda impureza, ou avareza nem sequer se nomeie entre vós outros, como convem a santos, nem palavras torpes nem estultas» (*Ephes.*, V, 3, s.). Mas elle collocou como fundamento d'esta santidade e d'este pudor, que moderam as paixões, a

sciencia das cousas divinas. «Assim pois, irmãos, vede de que modo andaes de sobre aviso não como insensatos, mas como sabios. Por tanto não sejaes imprudentes; mas entendei qual é a vontade de Deus» (*Ephes.*, V, 15, ss.).

E com toda a razão; porquanto a vontade do homem pouco ou nada conserva ainda d'aquelle amor da honestidade e da rectidão de que o mesmo Deus creador o dotou, o qual como que o arrebatava ao amor do bem não apparente, mas sim do sincero. Depravada pela corrupção da primeira culpa é quasi esquecida de Deus, seu auctor, volta toda a sua affeição para o amor da vaidade e á procura da mentira.

A vontade desvairada e cega pelas suas más inclinações tem necessidade de um guia que lhe mostre a estrada, para que ella encontre os caminhos da justiça, desgraçadamente abandonados. Esse guia, que não é estranho, mas nos é preparado pela natureza, é o nosso proprio espirito; ao qual se faltar a verdadeira luz, que é o conhecimento das cousas divinas, succederá que um cego conduzirá outro cego e ambos cairão no precipicio. O santo rei David, louvando a Deus por ter dado ao espirito dos homens a luz da verdade, dizia: «Gravado está sobre nós, Senhor, o lume do teu rosto». (*Ps.* IV, 7). E o que emana d'esse dom da luz, dil-o elle, accrescentando: «Déste alegria ao meu coração;» aquella alegria porém que dilata o nosso coração, e nos faz correr pelo caminho dos divinos mandamentos.

Basta reflectir para claramente conhecermos que assim é. Effectivamente a sabedoria christan nos faz conhecer a Deus e o que nós chamamos ás suas perfeições infinitas, muito mais profundamente do que as forças da natureza. E que mais? Ordena esta sabe-

doria que honremos a Deus com o tributo da fé, que pertence ao espirito, com o da esperança, que depende da vontade, com o da caridade, que é a virtude do coração; e assim, submete todo o homem ao seu supremo auctor e governador.

Do mesmo modo, uma é a doutrina de Jesus Christo que nos faz conhecer a verdadeira e eminente dignidade do homem, filho do Pae celeste e chamado a viver com elle em eterna bemaventurança. Mas d'esta mesma dignidade e do seu conhecimento, Christo conclue que os homens se devem amar reciprocamente como irmãos e viver no mundo como convem a santos, não em glotonerias e na crapula, não em deshonestidades e dissoluções, não em contentas e emulações (*Rom. XIII, 13*); ordena egualmente que refiramos a Deus toda a nossa solitudine, para que elle se occupe de nós; manda dar esmola aos pobres, fazer bem áquelles que nos odeiam, preferir os bens eternos da alma aos bens ephemeros d'esta vida. Para não estarmos a passar tudo em revista, não será porventura a doutrina de Christo que aconselha e preceitua a humildade ao homem que vive no orgulho? Aquelle que se houver humilhado... será o maior no reino dos céos (*MATH. XVIII, 4*).

E' tambem a doutrina de Christo que nos ensina a prudencia do espirito, pela qual desconfiamos da prudencia da carne; a justiça, pela qual attribuímos a cada um o que lhe é devido; a força, que nos prepara para soffrer tudo e soffrer corajosamente por Deus e pela bemaventurança eterna; a temperança emfim, pela qual amamos a pobreza por amor do reino de Deus e, o que é mais, nos glorificamos na cruz, desprezando a ignominia. E', pois, certo que, pela sabedoria christan, a nossa intelligencia não sómente

recebe a luz, com que alcançamos a verdade, mas também que a vontade concebe um amor que nos impelle para Deus e nos junta a elle pela pratica da virtude.

Estamos longe, todavia, de affirmar que a malicia e a corrupção dos costumes não possam coexistir com o conhecimento da religião. Prouvera a Deus que os factos o não provassem superabundantemente! Affirmamos porém que n'um espirito envolto nas trevas de crassa ignorancia é impossivel encontrar rectidão de costumes. Quem anda de olhos abertos, poderá, é verdade, afastar-se do caminho direito; mas para quem é cégo este perigo com certeza é imminente. A demais, a corrupção dos costumes, se a luz da fé não está totalmente extincta, deixa a esperança de emenda. Porém onde se juntam a corrupção dos costumes e a deficiencia da fé, por ignorancia, o remedio apenas é possivel e está patente o caminho para a perdição.

Assim pois derivando-se da ignorancia da religião tantos e tão graves males de uma parte; e sendo por outra parte extrema a necessidade e a utilidade do ensino religioso, porque seria baldado esperar que cumpra os deveres christãos quem os ignora, é necessario saber a quem pertence premunir as almas contra esta perniciosissima ignorancia e instruil-as n'essa sciencia tão necessaria.

Mas isso, Veneraveis Irmãos, não é cousa duvidosa porque este tão grave cuidado incumbe a todos os que são pastores das almas. Estes, com effeito são obrigados, pelo preceito de Christo, a conhecer e apascentar as ovelhas que lhes foram confiadas. Apascentar é primeiro que tudo ensinar. «Eu vos darei pastores segundo o meu coração os quaes vos

apascentarão com a sciencia e com a doutrina». Assim promettia Deus por Jeremias. E' por isso que o apóstolo Paulo dizia : « Christo não me enviou a baptizar, mas a prégar » ( I. *Cor.*, I, 17), mostrando assim ser primordial dever d'aquelles que estão encarregados, por qualquer titulo, de governar a Igreja, instruir os fieis nas cousas santas.

Cremos superfluo fazer o elogio d'esta instrucção e mostrar qual a sua valia deante de Deus. Certamente a esmola que damos aos pobres para alliviar as suas miserias, tem grande merito aos olhos de Deus. Mas quem negará a superioridade do zelo com que ensinando e admoestando as almas, as habilitamos ao gozo não dos bens ephemeros do corpo, mas dos bens eternos da alma ? Nada póde ser mais agradavel a Jesus Christo, salvador das almas, que disse de si mesmo por Isaias : « Fui enviado para evangelizar aos pobres » ( *LUC.* IV, 18).

Inporta entretanto, Veneraveis Irmãos, tirar d'isto esta urgente conclusão, que este é para todo o sacerdote o mais grave officio, a mais apertada obrigação. Com effeito, quem poderá negar que no padre a sciencia deve juntar-se á santidade de vida ? « Os labios do sacerdote guardarão a sciencia » ( *MALACH.* II, 7). De facto, a Igreja exige essa sciencia muito severamente d'aquelles que devem ser admittidos ao sacerdocio.

Porque ? Porque o povo christão espera d'elles o conhecimento da lei divina e Deus os destina a communicar-a. « E elles dos seus labios procurarão a lei porque é o anjo do Deus dos exercitos » ( *Ib.* ). E' por isso que o Bispo, na sagrada ordenação, falla assim aos candidatos ao sacerdocio : « Seja a vossa doutrina medicina espiritual para o povo de Deus ;

sejam providos cooperadores da nossa Ordem a fim de que, meditando a lei divina noite e dia, creiam o que tiverem lido e ensinem o que tiverem crido». (*Pontif. rom.*).

Se não ha padre a quem não incumbam estas coisas, que pensaremos d'aquelles que, revestidos do nome e do poder dos parochos, têm o encargo de directores das almas, em virtude da sua dignidade e como por um quasi contracto?

Estes padres devem ser classificados de certo modo entre os pastores e os doutores que Christo deu, a fim de que os fieis «não sejam mais creanças fluctuantes e açoitados por todo o vento de doutrina no meio da maldade dos homens; que exercendo a verdade na caridade, cresçam em todas as cousas n'aquelle que é a nossa cabeça, Christo» (*Eph.* IV, 14 e 15).

Por cuja razão o sacratissimo Concilio de Trento, tratando dos pastores das almas, diz que o seu primeiro e maior dever é instruir o povo christão (Sess. V, cap. *de ref.* Sess. XVII, cap. 8, Sess. 24 cap. 4 e 7 *de ref.*). Ordena-lhes, pois, que ensinem a religião ao povo ao menos nos domingos e dias de festa solemnes e todos os dias durante o Advento e a Quaresma, ou ao menos tres vezes por semana. E não é tudo; accrescenta, com effeito, que os parochos são obrigados, ao menos nos domingos e dias de festa, quer por si mesmos, quer por outros, a instruir as creanças nas verdades da fé e a ensinar lhes a obediencia para com Deus e seus paes.

Quando trata da recepção dos sacramentos ordena-lhes que instruem sobre a sua natureza os que devem recebê-los e o façam n'uma linguagem facil e vulgar.

O nosso predecessor Bento XIV, na sua constituição *Etsi minime*, resumiu e mais claramente assim determinou as prescripções do santissimo Concilio : «Dois encargos são especialmente impostos pelo Concilio de Trento áquelles que têm cura d'almas : um é fallar ao povo das coisas divinas nos dias de festa ; o outro é instruir as creanças e todos os ignorantes na lei divina e nos rudimentos da fé» .

Com toda a razão o sabio Pontifice distingue estes dois deveres : o de prégar, que se chama vulgarmente explicar o Evangelho e o de ensinar a doutrina christan. Na verdade, talvez haja quem, desejoso de diminuir o seu trabalho, se persuada que a homilia pode substituir o catecismo. Para quem a considera, é evidente a falsidade deste conceito. A allocução sobre o Evangelho dirige-se, com certeza, aos que já devem estar imbuidos dos elementos da fé. Pode-se comparal-a ao pão que é distribuido aos adultos. O ensino do catecismo, ao contrario, é o leite, aquelle leite que o apostolo S. Pedro queria que os fieis o desejassem sem malicia como os meninos recém-nascidos.

O dever dos catechistas consiste em tomar uma verdade concernente á fé ou aos costumes christãos e esclarecel-a completamente. Como, além d'isso, a emenda da vida deve ser o fim do ensino, o catechista deve estabelecer um paralelo entre aquellas cousas que Deus manda observar e a maneira como os homens vivem realmente ; é necessario tambem, servindo-se de exemplos opportunos e prudentemente escolhidos, quer das sagradas escripturas, quer da historia ecclesiastica, quer da vida dos santos, persuadir o auditorio e mostrar-lhes com o dedo, por assim dizer, como devem ordenar o seu procedi-

mento ; é necessario emfim, exhortar por tal modo os assistentes que tenham horror aos vicios, os evitem e sigam a virtude.

Sabemos, em verdade, que este modo de ensinar a doutrina christan desagrada a muitos, porque não é apreciado no seu justo valor e parece pouco se prestar á conquista do louvor popular. Pensamos entretanto que tal apreciação denota espiritos mais frivolos do que amigos da verdade. Certamente não recusamos o elogio devido aos oradores sagrados que, com zelo sincero pela gloria divina, se esforçam, quer em vingar e defender a fé, quer em louvar os santos. Mas o seu trabalho exige um outro trabalho preambular : o dos catechistas. Se falta este, os fundamentos não existem, e os que edificam a casa, trabalham em vão. Frequentissimamente os discursos mais adornados, que são escutados com applausos pelas assembléas mais numerosas, têm por unico resultado agradar aos ouvidos e não commovem absolutamente nada os corações. O ensino do catecismo, ao contrario, ainda que humilde e simples, merece que se lhe applicuem estas palavras que Deus pronuncia por intermedio de Isaias : « Bem assim como a chuva e a neve descem do céo, e não voltam mais para lá dahi por deante, mas embebem a terra, e a banham e a fazem brotar, dão a semente ao que semeia, e pão ao que come ; assim será a minha palavra que sair da minha bocca ; ella não voltará para mim vasia, mas fará tudo o que eu tenho querido, e produzirá o seu effeito naquellas coisas para as quaes eu a enviei ». (Is. LV, 10, 11).

Pensamos que é necessario julgar do mesmo modo os padres que, para pôrem em evidencia as verdades da religião, escrevem laboriosas obras : me-

recem evidentemente grandes elogios. Mas quantas pessoas ha que leiam esses livros de maneira a tirar um fructo correspondente ao trabalho e aos desejos do auctor? Ao contrario, o ensino da doutrina christan, se fôr bem feito, traz sempre alguma utilidade ao auditorio.

Com effeito—bom é lebral-o para inflamar o zelo dos ministros de Deus—immenso é o numero, e augmenta de dia para dia, d'aquelles que ignoram tudo da religião, ou que não têm da fé christan senão um conhecimento tal que lhes permite, no meio da luz da verdade catholica, viver á maneira dos idolatras. Quantos outros, ai ! e não sómente creanças, mas tambem adultos e velhos, que não conhecem absolutamente nada dos principaes mystérios da fé, e que, ouvindo o nome de Christo, respondem : «Quem é este... para que eu n'elle creia?» (JOAN. IX, 36). Por isso, não consideram como vicio suscitar e alimentar odios contra outrem, fazer iniquos contractos, exercer profissões deshonestas, apoderar-se do alheio, e perpetrar outros crimes semelhantes. Pelo que, ignorando a lei de Christo, que prohibe não sómente os actos deshonestos mas tambem pensar n'elles e desejal-os scientemente, muitas pessoas, ainda que, talvez por qualquer motivo, se abstenham de prazeres vergonhosos, admittem todavia no seu espirito iniquos pensamentos sem o menor escrupulo, multiplicando assim as iniquidades sobre os cabellos da sua cabeça. E estes vicios, Nós o repetimos, encontram-se não sómente nas populações dos campos ou na porção miseravel do povo, mas tambem, e talvez mais frequentemente, entre os homens de uma posição mais elevada, comprehendendo n'este numero aquelles a quem a sciencia incha e

que, apoiados n'uma van erudição, pretendem poder ridicularisar a religião e certamente «blasphemam de tudo o que ignoram». (Jud., 10).

Se é vão esperar a messe d'uma terra que não recebeu semente, como esperar bem morigeradas gerações se não tiverem sido opportunamente formadas pela doutrina christan? D'onde Nós inferimos com razão, pois que a fé enfraqueceu em nossos dias a ponto de que em muitos está quasi morta, que o dever de ensinar as verdades do catecismo, ou é cumprido com muita negligencia ou é omitido por completo. Impensadamente se diria, para se desculparem, que a fé nos é dada a titulo gratuito, e que cada um a recebe no santo baptismo. Sem duvida todos os que fomos baptizados em Christo, fomos ennobrecidos com o habito da fé; mas esta semente divina só por si «não cresce... nem deita grandes ramos» (MARC. IV, 32) como lhe é proprio e quasi que inherente á sua capacidade. Nasce tambem o homem, com a faculdade intellectual; todavia esta necessita da palavra materna, que a desperte e como se costuma dizer, a reduza a acto ou a manifeste. E' justamente o que succede ao homem christão que, renascendo pela agua e pelo Espirito Santo, traz em si a fé em germe; tem, entretanto, necessidade do ensino da Egreja, para alimentar-a, desenvolvê-la e fazê-la productiva. Por isto o Apostolo escrevia: «A fé é pelo ouvido e o ouvido pela palavra de Christo» (Rom. 10, 17). Para mostrar a necessidade do ensino, acrescentava: «Como... ouvirão sem prégador?» (Ib. 16).

Se, pelo que fica dito, se póde vêr de quanta importancia é o ensinar a religião ao povo, vê-se tambem que summa deve ser a nossa solicitude no tocante ao ensino do catecismo que Bento XIV chama

a instituição mais util para a gloria de Deus e a salvação das almas (*Const. Etsi minime*, 13),—para que sempre se mantenha em vigor e se porventura em alguma parte é negligenciada, torne a florescer.

Querendo, pois, Veneraveis Irmãos, satisfazer a este gravissimo dever do apostolado supremo, e para tão importante assumpto dar uma norma uniforme, Estabelecemos, em virtude de Nossa suprema auctoridade, em todas as dioceses, e Mandamos que sejam rigorosamente observadas e executadas as cousas que se seguem:

1º. Todos os parochos, e d'uma maneira geral todos aquelles que têm cura d'almas, deverão todo o anno, nos domingos e dias de festa, sem excepção, durante o espaço d'uma hora inteira, instruir, por meio do catecismo, os meninos e meninas sobre as coisas que devem crêr e praticar para obterem a sua salvação.

2º Deverão todos os annos, durante alguns dias, e em épocas determinadas, preparar essas creanças para receberem condignamente os sacramentos da penitencia e da confirmação.

3º Deverão, e com um zelo especial, todos os dias de quaresma e, se houver necessidade, durante outros dias depois das festas paschaes, preparar os adolescentes (os moços e as donzellas) com instrucções e exhortações apropriadas afim de santamente se prepararem para a primeira communhão.

4º Em cada parochia deverá ser instituido canonicamente um sodalicio com o nome de Congregação da Doutrina Christan. Os parochos, sobretudo onde o numero dos padres fôr restricto, tomem para auxiliares no ensino do catecismo pessoas leigas que se dediquem a esse ensinamento, tanto por zelo da

gloria de Deus como para ganhar as santas indulgencias, tão largamente concedidas pelos Pontífices romanos.

5º Nas grandes cidades, sobretudo naquellas em que ha Universidades, lyceus e gymnasios publicos sejam fundadas escolas de religião destinadas a instruir nas verdades da fé e nos preceitos da vida christan, a mocidade que frequenta as escolas publicas onde nem se falla em religião.

6º Porque, na nossa época sobre tudo, os adultos não têm menos necessidade que as creanças da instrucção religiosa, os parochos e todos aquelles que têm cargo d'almas, deverão, além da homilia costumada sobre o Evangelho, que devem fazer nos dias de festa na missa parochial, escolher a hora mais opportuna á concurrencia do povo—excepto a em que se ensinam as creanças—afim de fazerem o catecismo aos fieis de modo facil e ao alcance de cada um. Nestas instrucções, usem do Catecismo do Concilio de Trento, de tal sorte que, no espaço de quatro ou cinco annos, percorram tudo o que concerne ao Symbolo, aos Sacramentos, ao Decalogo, á Oração e aos preceitos da Egreja.

Assim estabelecemos e ordenamos, Veneraveis Irmãos, em virtude da Nossa auctoridade apostolica. Deveis proceder pela vossa parte, cada um na propria diocese, de maneira que estas prescripções sejam executadas integralmente e sem demora. Deveis vigiar e acautelar, no alcance da vossa auctoridade, para que as Nossas ordens não caiam no esquecimento, ou, o que vem a ser o mesmo, sejam cumpridas com negligencia e relaxamento. Para evitar realmente esta falta, convem que assiduamente recommendeis e ponhaes urgencia para que os parochos não ex-

pliquem o catecismo sem preparação, mas, ao contrario, se preparem para elle anticipadamente com cuidado, para não fallarem sómente palavras de sabedoria humana, mas «com simplicidade de coração e em sinceridade de Deus» (II, *Cor.* I, 12) sigam o exemplo de Christo que comquanto manifestasse coisas «occultas desde o começo do mundo» (MATH. XIII, 35), «fallava entretanto sempre ás multidões em parabolos» (Ib. 34). Nós sabemos que o mesmo procedimento foi seguido pelos apóstolos, instruidos pelo Senhor. Daquelles, dizia Gregorio Magno: «Tiveram o maior cuidado em prégar coisas simples aos povos rudes, ensinar coisas comprehensíveis e não elevadas e arduas» (*Moral.* I, XVII cap. 26). Ora, pelo que diz respeito á religião, hoje quasi todos os homens podem ser classificados entre os simples.

Não queremos porém que, em razão mesmo d'esse gosto que se deve ter pela simplicidade, alguém se persuada que este methodo d'ensino não exija trabalho nem meditação. Pelo contrario, exige-o mais que qualquer outro. E' muito mais facil encontrar um orador que falle abundante e splendidamente, do que um catechista cujo ensino seja louvavel sob todos os pontos. Portanto, seja qual fôr a facilidade natural que alguém tenha para formar conceitos e para fallar, persuada-se que nunca poderá com proveito ensinar a doutrina christan ás creanças e ao povo sem estudo preparatorio e conveniente. Enganam-se os que, fiando-se na ignorancia e inferioridade intellectual do povo, pretendem poder n'estas materias obrar com negligencia. Antes, quanto mais rudes forem os ouvintes, tanto maior zelo e cuidado é necessario empregar para accomodar as verdades mais sublimes, já por si mesmas elevadas acima das

intelligencias ordinarias, á comprehensão mais fraca dos ignorantes que, assim como os sabios, têm necessidade de as conhecer para alcançar a eterna bemaventurança.

Finalmente, Veneraveis Irmãos, seja-Nos permittido terminar esta carta com as palavras de Moysés: «Se algum é do Senhor, ajunte-se commigo» (*Exod. XXXII, 26*). Reparae vos pedimos e supplicamos, nas calamidades que para as almas resultam da ignorancia das cousas divinas. Muitas cousas uteis e perfeitamente louvaveis foram talvez instituidas, na diocese de cada um de vós, para bem do rebanho que vos está confiado. Com tudo tende cuidado em urgir sobre todas as cousas, com todo o empenho, applicação e assiduidade e diligencia em que o conhecimento da doutrina christan penetre e se apodere por completo dos espiritos. «Cada um segundo a graça que recebeu, communique aos outros como bons dispensadores das differentes graças que Deus dá» (I. S. PEDRO, IV, 10).

Seja-vos propicia, com a intercessão da bemaventurada Virgem Immaculada, a benção apostolica que vos damos muito affectuosamente a vós, ao clero e ao povo confiado a cada um de vós, em testemunho da nossa caridade e penhor das graças celestes.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, a 15 de Abril de 1905, segundo anno do Nosso pontificado.

PIO X, PAPA.

is fraca  
em ne-  
eterna

os per-  
ras de  
migo)  
e sup-  
esultam  
as uteis  
idas, na  
nho que  
m urgir  
plicação  
cimento  
or com-  
ça que  
dispen-  
(I. S.

la bem-  
ostolica  
ao clero  
emunho  
tes.  
de Abri  
o.

APA.



O ENSINO DA DOCTRINA CHRISTAN

---

# CARTA PASTORAL

DE

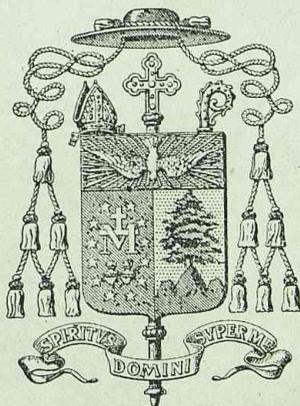
D. Fernando de Souza Monteiro, c. m.

Bispo do Espirito Santo,

annunciando e mandando cumprir em sua Diocese

a Encyclica — “ACERBO NIMIS”

de S. S. o Papa Pio X



RIO DE JANEIRO

Typ. do *jornal do Commercio* de Rodrigues & C.

1905

123

O ENSINO DA DOCTRINA

CARTA PASTORAL

D. Fernando de Souto Maior



1811

# D. FERNANDO DE SOUZA MONTEIRO, c. m.

POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTOLICA

BISPO DO ESPIRITO SANTO

Ao Rvmo. Clero e aos Fieis da Diocese do Espirito Santo, saudação e paz  
em Nosso Senhor Jesus Christo

---

Carissimos Irmãos e Filhos

Sua Santidade o Papa Pio X acaba de dirigir a todos os Exmos. Srs. Bispos a Encyclica — « *Acerbo nimis* » — em que trata do ensino da Doutrina Christan e lhes recommenda que sem a menor demora — *nulla mora* — a communicem aos seus Diocesanos, zelem cuidadosamente para que seja cumprida integralmente — *integre* — e usem de toda sua auctoridade para que nenhum dos pontos da referida Encyclica seja entregue ao esquecimento — *ne... oblivioni dentur* — ou cumprida defeituosamente e com negligencia — *vel remisse oscitanterque impleantur*.

Ainda que muito occupado com os trabalhos da Visita Pastoral, que pela misericordia divina tem produzido optimos resultados, com summo prazer Vimos desde já dar prompta execução a essa ordem emanada do Vigario de Jesus-Christo, e vos Commu-

nicamos, carissimos Irmãos e Filhos, essa nova Encyclica, que nos mostra claramente o desejo ardente em que se abrasa o grande coração do Summo Pontifice, de ver tudo restaurado em Christo, e incita a cada um de nós a se entregar, sem poupar sacrificio algum, á propagação da *Doutrina Christian*, declarando guerra atróz á ignorancia religiosa e pondo em pratica com escrupuloso amor e apostolico zelo, todas as determinações, que o espirito *esclarecido* e *prudente* do Vigario de Jesus-Christo julgou necessarias, inadiaveis e capazes de regenerar a sociedade christian.

Essa Encyclica é tão clara e bella, que Receiamos com qualquer explicação diminuir-lhe o brilho e singela clareza.

Nós a Lemos diversas vezes, Meditamol-a e não Nos Sentimos ainda satisfeitos ; tal é o encanto que nosso espirito nella encontrou.

Fazei o mesmo, carissimos Irmãos e Filhos ; fazei-o, porém, com filial amor, como filhos dedicados, que conversam com seu pae amantissimo e lhe ouvem os conselhos. Fazei-o com desejo sincero de praticar tudo quanto alli vos fôr determinado, pois é o Soberano Pontifice que vos falla, vos convida e ordena ; e á proporção que aquellas paternaes palavras forem penetrando em vosso espirito, ireis descobrindo a grandeza d'alma, o primor das virtudes, a agudeza da intelligencia, o desejo de se entregar todo ao serviço de Jesus-Christo, a sêde ardente da salvação das almas e o amor do sacrificio, que ornam a augusta pessoa do Pae Commum dos Fieis.

Lêde com attenção essa Encyclica, e vos convencereis sem duvida, não só dos males immensos que a ignorancia religiosa vae occasionando aos indi-

viduos, ás familias e á sociedade como tambem da necessidade imperiosa em que vos achaes de combater essa ignorancia, diffundindo entre os homens o ensinamento da religião de Jesus-Christo.

Vêde como vos mostra o Santo Padre até a evidencia o modo pelo qual a instrução religiosa, se introduzindo na sociedade, a regenera completamente, apontando a todos e cada um dos chistãos os seus deveres para com Deus, para consigo e para com o proximo; fornece-lhes ao mesmo tempo o meio de satisfazer com perfeição a todos esses deveres e dá-lhes a força sobrenatural, a graça divina, de que necessitam para esse fim.

Não haverá certamente sacerdote algum tão insensível que com a leitura reflectida dessa Encyclica não se compenetre da gravissima obrigação — *gravissimum munus* — que lhe cabe de ensinar, simples, clara, minuciosa e caprichosamente a Doutrina Christiana — *Intento veluti digito commonstrare quo pacto componant mores.*

Deus o destinou, lhe adverte o Summo Pontifice, para essa missão sublime — *Ad eam impertendam destinat Deus* — a mais grave de suas obrigações — *graviori officio teneri* — e o mais forte vinculo que o prende perante Deus e sua consciencia — *nullo arctiori nexu obligari.*

Sem duvida alguma não poderá nem siquer duvidar que a negligencia nesse ponto acarretará forçosamente a infructuosidade absoluta de todo o seu sagrado ministerio; vãos deverão ser os seus esforços e trabalhos — *qui si deest, fundamenta desunt* — nullo o resultado que por ventura pretenda esperar — *qui demum bene moratas progenies expectes, si non tempore fuerint Christiana Doctrina institutæ?*

Não é verdade, caríssimos Irmãos e Filhos, que perante essa sublime Encyclica, toda e qualquer excusa cae por terra, toda difficuldade desaparece?

As pessoas, que devem ensinar, aquelles aos quaes se deve ensinar, a época do anno em que se deve tractar dessas ou daquellas verdades, o livro que deve servir de base ás nossas instrucções, tudo alli está delineado com tal precisão e clareza, que só nos resta dizer: *dixi, nunc cœpi*; si até hoje houve qualquer negligencia de minha parte no cumprimento desse meu importantissimo e sagrado dever, vou reparal-a sem perda de tempo; minha vida será consumida no ensino mais perfeito possivel da religião do meu Deus, e para isso desde já me inscrevo no numero daquelles, que se alistam sob a bandeira do Vigario de Jesus-Christo na grande cruzada do ensinamento da Doutrina Christan—*Si quis est Domini, jungatur mihi* (\*).

Declaramos portanto desde já em pleno vigor nesta Diocese do Espírito Santo a Encyclica «*Acerbo nimis*» de S. S. o Papa Pio X; queremos e Mandamos que as determinações feitas pelo Summo Pontifice sob os ns. 1º, 2º, 3º, 4º e 6º, sejam observadas em toda sua extensão e com a maior exactidão.

E' verdade que circumstancias especiaes desta Diocese não Nos permitem por emquanto dar execução ao que se contem no numero 5º; entretanto sem perda de tempo Vamos cogitar dos meios conducentes áquelle fim, e temos grande confiança que a Immaculada Virgem Maria não deixará baldados os nossos esforços.

---

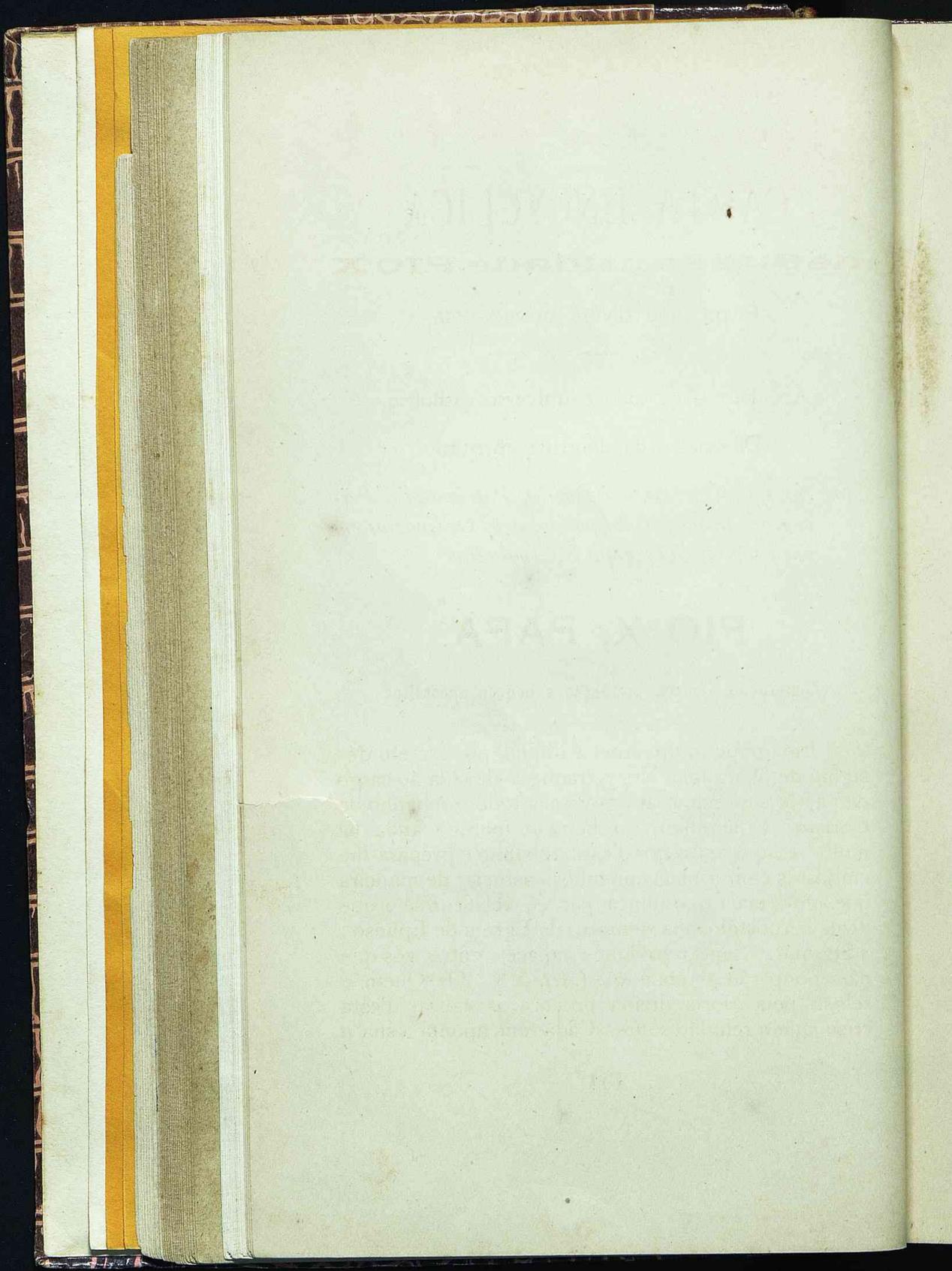
(\*) Exod. XXXII, 26.

Para maior clareza de tudo quanto vos fica dito, dilectos Irmãos e Filhos, Ajuntamos a esta carta pastoral a Encyclica «*Acerbo nimis*» traduzida em portuguez e mandamos que ella e a Pastoral, que a precede, sejam lidas á estação da Missa pelos RR. Srs. Vigarios e Capellães em suas Matrizes, Capellas e Oratorios publicos, desde o primeiro Domingo ou dia festivo após sua recepção e depois archivada.

Dada e passada em a santa Visita Pastoral na residencia dos Rvmos. Padres Capuchinhos, Parochia de Santa Thereza sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, na Festa dos gloriosos principes da Egreja, S. Pedro e S. Paulo, 29 de Junho, 1905.

L. † S.

† FERNANDO, Bispo do Espirito Santo, c. m.



# CARTA ENCYCLICA

## de Sua Santidade **PIO X**

Papa pela divina providencia

---

Aos Bispos de todo o universo catholico

Do ensino da doutrina christan

*Aos Nossos Veneraveis Irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinarios em paz e communhão com a Sé Apostolica.*

## **PIO X, PAPA**

Veneraveis Irmãos, saudação e benção apostolica

Em tempo muito cruel e difficil, por secreto designio de Deus, foi a Nossa fraqueza elevada ao cargo de pastor supremo, para governar todo o rebanho de Christo. Com effeito, o homem inimigo anda ha muito tempo em redor d'este rebanho e prepara-lhe embustes com a mais engenhosa astucia, de maneira que agora mais que nunca parece verificar se o que dizia o Apostolo aos seniores da Igreja de Epheso : « Sei que... entrarão lobos rapaces entre vós que não pouparão o rebanho » (*Act. XX, 29*). Quem é zeloso pela gloria divina procura as causas d'esta crise que a religião soffre. Cada um aponta a sua e

cada um também, a seu modo, emprega meios para defender e restaurar o reino de Deus sobre a terra. Quanto a Nós, Veneráveis Irmãos, sem negarmos as outras causas, unimo-Nos de preferencia ao sentimento d'aquelles que vêem na ignorancia das cousas divinas a causa do enfraquecimento actual e da imbecilidade das almas e dos tão graves males que se lhes seguem. Isto harmonisa-se plenamente com o que Deus disse pelo propheta Oseas: «E o conhecimento de Deus não existe mais sobre a terra. A maldição, a mentira, o homicidio, o furto, o adulterio transbordam e o sangue de uns se derrama sobre o de outros. Por isso é que a terra chorará, e todo o homem que a habita, se enfraquecerá» (Os. IV, 1, ss.).

E, na verdade, na nossa época todos se queixam que entre o povo christão tantos homens ignorem profundamente as verdades necessarias á salvação, e estas queixas não são infelizmente injustas. Quando dizemos o povo christão, não fallamos sómente do povo ou dos homens das classes inferiores, que frequentes vezes encontram desculpa no facto de que, obedecendo a patrões crueis, mal pôdem pensar em si e nos seus negocios: fallamos também e principalmente d'aquelles a que não faltam intelligencia e cultura, que estão bem providos de erudição profana, e todavia no que toca a religião vivem da maneira mais temeraria e imprudente. Difficil é dizer em que espessas trévas estão, por vezes, mergulhados, e—o que é mais doloroso—n'ellas jazem tranquillamente! De Deus, soberano auctor e governador de todas as cousas e da sabedoria da fé christan não têm quasi cuidado algum. Portanto, não conhecem nada nem da encarnação do Verbo de Deus, nem da perfeita

restauração do genero humano por elle; não sabem nada da graça, principal auxilio para alcançar os bens eternos, nem do augusto sacrificio, nem dos sacramentos, pelos quaes obtemos e conservamos a graça. Não avaliam de nenhum modo quanta malicia e torpeza é inherente ao peccado; consequentemente, não ha nenhum cuidado de o evitar ou de o abandonar; e chega-se ao ultimo dia em taes disposições que o padre, para não tirar a esperança da salvação, deve empregar em ensinar summariamente a religião, aquelles extremos momentos que deviam ser consagrados principalmente a fazer actos de amor de Deus; e muitas vezes, o que quasi se tornou uso, é tamanha a ignorancia que se julga superfluo o ministerio do padre, e se pensa poder transpôr os terriveis umbraes da eternidade com espirito tranquillo, sem reconciliar-se com Deus. Por isso, com razão escreveu o Nosso predecessor, Bento XIV: «Nós affirmamos que uma grande parte d'aquelles que estão condemnados aos supplicios eternos, soffrem sempre esta desgraça por causa da sua ignorancia dos mysterios da fé que devem necessariamente saber e crer para serem contados entre os eleitos» (*Inst.* XXVI, 18).

Estando assim as coisas, Veneraveis Irmãos, porque nos admirarmos que a corrupção dos costumes e a depravação sejam tão grandes e cresçam de dia para dia, não digo entre as nações barbaras, mas entre os mesmos povos christãos? Com razão o apostolo S. Paulo, escrevendo aos Ephesios, dizia: «Portanto a luxuria e toda impureza, ou avareza nem sequer se nomeie entre vós outros, como convem a santos, nem palavras torpes nem estultas» (*Ephes.*, V, 3, s.). Mas elle collocou como fundamento d'esta santidade e d'este pudor, que moderam as paixões, a

sciencia das cousas divinas. « Assim pois, irmãos, vede de que modo andaes de sobre aviso não como insensatos, mas como sabios. Por tanto não sejaes imprudentes ; mas entendei qual é a vontade de Deus » (*Ephes.*, V, 15, ss.).

E com toda a razão ; porquanto a vontade do homem pouco ou nada conserva ainda d'aquelle amor da honestidade e da rectidão de que o mesmo Deus creador o dotou, o qual como que o arrebatava ao amor do bem não aparente, mas sim do sincero. Depravada pela corrupção da primeira culpa é quasi esquecida de Deus, seu auctor, volta toda a sua affeição para o amor da vaidade e á procura da mentira.

A vontade desvairada e cega pelas suas más inclinações tem necessidade de um guia que lhe mostre a estrada, para que ella encontre os caminhos da justiça, desgraçadamente abandonados. Esse guia, que não é estranho, mas nos é preparado pela natureza, é o nosso próprio espirito ; ao qual se faltar a verdadeira luz, que é o conhecimento das cousas divinas, succederá que um cego conduzirá outro cego e ambos cairão no precipicio. O santo rei David, louvando a Deus por ter dado ao espirito dos homens a luz da verdade, dizia : « Gravado está sobre nós, Senhor, o lume do teu rosto ». (*Ps.* IV, 7). E o que emana d'esse dom da luz, dil-o elle, accrescentando : « Déste alegria ao meu coração ; » aquella alegria porém que dilata o nosso coração, e nos faz correr pelo caminho dos divinos mandamentos.

Basta reflectir para claramente conhecermos que assim é. Effectivamente a sabedoria christan nos faz conhecer a Deus e o que nós chamamos ás suas perfeições infinitas, muito mais profundamente do que as forças da natureza. E que mais ? Ordena esta sabe-

doria que honremos a Deus com o tributo da fé, que pertence ao espirito, com o da esperança, que depende da vontade, com o da caridade, que é a virtude do coração; e assim, submete todo o homem ao seu supremo auctor e governador.

Do mesmo modo, uma é a doutrina de Jesus Christo que nos faz conhecer a verdadeira e eminente dignidade do homem, filho do Pae celeste e chamado a viver com elle em eterna bemaventurança. Mas d'esta mesma dignidade e do seu conhecimento, Christo conclue que os homens se devem amar reciprocamente como irmãos e viver no mundo como convem a santos, não em glotonerias e na crapula, não em deshonestidades e dissoluções, não em contentas e emulações (*Rom. XIII, 13*); ordena egualmente que refiramos a Deus toda a nossa solitudine, para que elle se occupe de nós; manda dar esmola aos pobres, fazer bem áquelles que nos odeiam, preferir os bens eternos da alma aos bens ephemeros d'esta vida. Para não estarmos a passar tudo em revista, não será porventura a doutrina de Christo que aconselha e preceitua a humildade ao homem que vive no orgulho? Aquelle que se houver humilhado... será o maior no reino dos céos (*MATH. XVIII, 4*).

E' tambem a doutrina de Christo que nos ensina a prudencia do espirito, pela qual desconfiamos da prudencia da carne; a justiça, pela qual attribuímos a cada um o que lhe é devido; a força, que nos prepara para soffrer tudo e soffrer corajosamente por Deus e pela bemaventurança eterna; a temperança emfim, pela qual amamos a pobreza por amor do reino de Deus e, o que é mais, nos glorificamos na cruz, desprezando a ignominia. E', pois, certo que, pela sabedoria christan, a nossa intelligencia não sómente

recebe a luz, com que alcançamos a verdade, mas também que a vontade concebe um amor que nos impelle para Deus e nos junta a elle pela pratica da virtude.

Estamos longe, todavia, de affirmar que a malicia e a corrupção dos costumes não possam coexistir com o conhecimento da religião. Prouvera a Deus que os factos o não provassem superabundantemente! Affirmamos porém que n'um espirito envolto nas trevas de crassa ignorancia é impossivel encontrar rectidão de costumes. Quem anda de olhos abertos, poderá, é verdade, afastar-se do caminho direito; mas para quem é cêgo este perigo com certeza é imminente. A demais, a corrupção dos costumes, se a luz da fé não está totalmente extincta, deixa a esperança de emenda. Porém onde se juntam a corrupção dos costumes e a deficiencia da fé, por ignorancia, o remedio apenas é possivel e está patente o caminho para a perdição.

Assim pois derivando-se da ignorancia da religião tantos e tão graves males de uma parte; e sendo por outra parte extrema a necessidade e a utilidade do ensino religioso, porque seria baldado esperar que cumpra os deveres christãos quem os ignora, é necessario saber a quem pertence premunir as almas contra esta perniciosissima ignorancia e instruil-as n'essa sciencia tão necessaria.

Mas isso, Veneraveis Irmãos, não é cousa duvidosa porque este tão grave cuidado incumbe a todos os que são pastores das almas. Estes, com effeito são obrigados, pelo preceito de Christo, a conhecer e apascentar as ovelhas que lhes foram confiadas. Apascentar é primeiro que tudo ensinar. «Eu vos darei pastores segundo o meu coração os quaes vos

apascentarão com a sciencia e com a doutrina». Assim promettia Deus por Jeremias. E' por isso que o apostolo Paulo dizia: «Christo não me enviou a baptizar, mas a prégar» (I. *Cor.*, I, 17), mostrando assim ser primordial dever d'aquelles que estão encarregados, por qualquer titulo, de governar a Igreja, instruir os fieis nas cousas santas.

Creemos superfluo fazer o elogio d'esta instrucção e mostrar qual a sua valia deante de Deus. Certamente a esmola que damos aos pobres para alliviar as suas miserias, tem grande merito aos olhos de Deus. Mas quem negará a superioridade do zelo com que ensinando e admoestando as almas, as habilitamos ao gozo não dos bens ephemeros do corpo, mas dos bens eternos da alma? Nada póde ser mais agradavel a Jesus Christo, salvador das almas, que disse de si mesmo por Isaias: «Fui enviado para evangelizar aos pobres» (LUC. IV, 18).

Importa entretanto, Veneraveis Irmãos, tirar d'isto esta urgente conclusão, que este é para todo o sacerdote o mais grave officio, a mais apertada obrigação. Com effeito, quem poderá negar que no padre a sciencia deve juntar-se á santidade de vida? «Os labios do sacerdote guardarão a sciencia» (MALACH. II, 7). De facto, a Igreja exige essa sciencia muito severamente d'aquelles que devem ser admittidos ao sacerdocio.

Porque? Porque o povo christão espera d'elles o conhecimento da lei divina e Deus os destina a communicar-a. «E elles dos seus labios procurarão a lei porque é o anjo do Deus dos exercitos» (Ib.). E' por isso que o Bispo, na sagrada ordenação, falla assim aos candidatos ao sacerdocio: «Seja a vossa doutrina medicina espiritual para o povo de Deus;

sejam providos cooperadores da nossa Ordem a fim de que, meditando a lei divina noite e dia, creiam o que tiverem lido e ensinem o que tiverem crido». (*Pontif. rom.*).

Se não ha padre a quem não incumbam estas coisas, que pensaremos d'aquelles que, revestidos do nome e do poder dos parochos, têm o encargo de directores das almas, em virtude da sua dignidade e como por um quasi contracto?

Estes padres devem ser classificados de certo modo entre os pastores e os doutores que Christo deu, a fim de que os fieis «não sejam mais creancinhas fluctuantes e açotados por todo o vento de doutrina no meio da maldade dos homens; que exercendo a verdade na caridade, cresçam em todas as cousas n'aquelle que é a nossa cabeça, Christo» (*Eph.* IV, 14 e 15).

Por cuja razão o sacratissimo Concilio de Trento, tratando dos pastores das almas, diz que o seu primeiro e maior dever é instruir o povo christão (Sess. V, cap. *de ref.* Sess. XVII, cap. 8, Sess. 24 cap. 4 e 7 *de ref.*). Ordena-lhes, pois, que ensinem a religião ao povo ao menos nos domingos e dias de festa solemnes e todos os dias durante o Advento e a Quaresma, ou ao menos tres vezes por semana. E não é tudo; accrescenta, com effeito, que os parochos são obrigados, ao menos nos domingos e dias de festa, quer por si mesmos, quer por outros, a instruir as creanças nas verdades da fé e a ensinar lhes a obediencia para com Deus e seus paes.

Quando trata da recepção dos sacramentos ordena-lhes que instruem sobre a sua natureza os que devem recebê-los e o façam n'uma linguagem facil e vulgar.

O nosso predecessor Bento XIV, na sua constituição *Etsi minime*, resumiu e mais claramente assim determinou as prescripções do santissimo Concilio : « Dois encargos são especialmente impostos pelo Concilio de Trento áquelles que têm cura d'almas : um é fallar ao povo das coisas divinas nos dias de festa ; o outro é instruir as creanças e todos os ignorantes na lei divina e nos rudimentos da fé » .

Com toda a razão osabio Pontifice distingue estes dois deveres : o de prégar, que se chama vulgarmente explicar o Evangelho e o de ensinar a doutrina christan. Na verdade, talvez haja quem, desejoso de diminuir o seu trabalho, se persuada que a homilia pode substituir o catecismo. Para quem a considera, é evidente a falsidade deste conceito. A allocução sobre o Evangelho dirige-se, com certeza, aos que já devem estar imbuidos dos elementos da fé. Pode-se comparal-a ao pão que é distribuido aos adultos. O ensino do catecismo, ao contrario, é o leite, aquelle leite que o apostolo S. Pedro queria que os fieis o desejassem sem malicia como os meninos recém-nascidos.

O dever dos catechistas consiste em tomar uma verdade concernente á fé ou aos costumes christãos e esclarecel-a completamente. Como, além d'isso, a emenda da vida deve ser o fim do ensino, o catechista deve estabelecer um paralelo entre aquellas cousas que Deus manda observar e a maneira como os homens vivem realmente ; é necessario tambem, servindo-se de exemplos opportunos e prudentemente escolhidos, quer das sagradas escripturas, quer da historia ecclesiastica, quer da vida dos santos, persuadir o auditorio e mostrar-lhes com o dedo, por assim dizer, como devem ordenar o seu procedi-

mento ; é necessario emfim, exhortar por tal modo os assistentes que tenham horror aos vicios, os evitem e sigam a virtude.

Sabemos, em verdade, que este modo de ensinar a doutrina christan desagrada a muitos, porque não é apreciado no seu justo valor e parece pouco se prestar á conquista do louvor popular. Pensamos entretanto que tal apreciação denota espiritos mais frivolos do que amigos da verdade. Certamente não recusamos o elogio devido aos oradores sagrados que, com zelo sincero pela gloria divina, se esforçam, quer em vingar e defender a fé, quer em louvar os santos. Mas o seu trabalho exige um outro trabalho preambular : o dos catechistas. Se falta este, os fundamentos não existem, e os que edificam a casa, trabalham em vão. Frequentissimamente os discursos mais adornados, que são escutados com applausos pelas assembléas mais numerosas, têm por unico resultado agradar aos ouvidos e não commovem absolutamente nada os corações. O ensino do catecismo, ao contrario, ainda que humilde e simples, merece que se lhe applicuem estas palavras que Deus pronuncia por intermedio de Isaias : « Bem assim como a chuva e a neve descem do céu, e não voltam mais para lá dahi por deante, mas embebem a terra, e a banham e a fazem brotar, dão a semente ao que semeia, e pão ao que come ; assim será a minha palavra que sair da minha bocca ; ella não voltará para mim vasia, mas fará tudo o que eu tenho querido, e produzirá o seu effeito naquellas coisas para as quaes eu a enviei ». (Is. LV, 10, 11).

Pensamos que é necessario julgar do mesmo modo os padres que, para pôrem em evidencia as verdades da religião, escrevem laboriosas obras : me-

reçem evidentemente grandes elogios. Mas quantas pessoas ha que leiam esses livros de maneira a tirar um fructo correspondente ao trabalho e aos desejos do auctor? Ao contrario, o ensino da doutrina christan, se fôr bem feito, traz sempre alguma utilidade ao auditorio.

Com effeito—bom é lembral-o para inflamar o zelo dos ministros de Deus—immenso é o numero, e augmenta de dia para dia, d'aquelles que ignoram tudo da religião, ou que não têm da fé christan senão um conhecimento tal que lhes permite, no meio da luz da verdade catholica, viver á maneira dos idolatras. Quantos outros, ai! e não sómente creanças, mas tambem adultos e velhos, que não conhecem absolutamente nada dos principaes mysterios da fé, e que, ouvindo o nome de Christo, respondem: «Quem é este... para que eu n'elle creia?» (JOAN. IX, 36). Por isso, não consideram como vicio suscitar e alimentar odios contra outrem, fazer iníquos contractos, exercer profissões deshonestas, apoderar-se do alheio, e perpetrar outros crimes semelhantes. Pelo que, ignorando a lei de Christo, que prohibe não sómente os actos deshonestos mas tambem pensar n'elles e desejal-os scientemente, muitas pessoas, ainda que, talvez por qualquer motivo, se abstenham de prazeres vergonhosos, admittem todavia no seu espirito iníquos pensamentos sem o menor escrupulo, multiplicando assim as iniquidades sobre os cabellos da sua cabeça. E estes vicios, Nós o repetimos, encontram-se não sómente nas populações dos campos ou na porção miseravel do povo, mas tambem, e talvez mais frequentemente, entre os homens de uma posição mais elevada, comprehendendo n'este numero aquelles a quem a sciencia incha e

que, apoiados n'uma van erudição, pretendem poder ridicularisar a religião e certamente «blasphemam de tudo o que ignoram». (Jud., 10).

Se é vão esperar a messe d'uma terra que não recebeu semente, como esperar bem morigeradas gerações se não tiverem sido opportunamente formadas pela doutrina christan? D'onde Nós inferimos com razão, pois que a fé enfraqueceu em nossos dias a ponto de que em muitos está quasi morta, que o dever de ensinar as verdades do catecismo, ou é cumprido com muita negligencia ou é omitido por completo. Impensadamente se diria, para se desculparem, que a fé nos é dada a titulo gratuito, e que cada um a recebe no santo baptismo. Sem duvida todos os que fomos baptizados em Christo, fomos ennobrecidos com o habito da fé; mas esta semente divina só por si «não cresce... nem deita grandes ramos» (MARC. IV, 32) como lhe é proprio e quasi que inherente á sua capacidade. Nasce tambem o homem, com a faculdade intellectual; todavia esta necessita da palavra materna, que a desperte e como se costuma dizer, a reduza a acto ou a manifeste. E' justamente o que succede ao homem christão que, renascendo pela agua e pelo Espirito Santo, traz em si a fé em germe; tem, entretanto, necessidade do ensino da Igreja, para alimental-a, desenvolvel-a e fazel-a productiva. Por isto o Apostolo escreveu: «A fé é pelo ouvido e o ouvido pela palavra de Christo» (Rom. 10, 17). Para mostrar a necessidade do ensino, accrescentava: «Como... ouvirão sem prégador?» (Ib. 16).

Se, pelo que fica dito, se pôde vêr de quanta importancia é o ensinar a religião ao povo, vê-se tambem que summa deve ser a nossa solitudine no tocante ao ensino do catecismo que Bento XIV chama

a instituição mais util para a gloria de Deus e a salvação das almas (*Const. Etsi minime*, 13),—para que sempre se mantenha em vigor e se porventura em alguma parte é negligenciada, torne a florescer.

Querendo, pois, Veneraveis Irmãos, satisfazer a este gravissimo dever do apostolado supremo, e para tão importante assumpto dar uma norma uniforme, Estabelecemos, em virtude de Nossa suprema auctoridade, em todas as dioceses, e Mandamos que sejam rigorosamente observadas e executadas as cousas que se seguem:

1º. Todos os parochos, e d'uma maneira geral todos aquelles que têm cura d'almas, deverão todo o anno, nos domingos e dias de festa, sem excepção, durante o espaço d'uma hora inteira, instruir, por meio do catecismo, os meninos e meninas sobre as coisas que devem crêr e praticar para obterem a sua salvação.

2º Deverão todos os annos, durante alguns dias, e em épocas determinadas, preparar essas creanças para receberem condignamente os sacramentos da penitencia e da confirmação.

3º Deverão, e com um zelo especial, todos os dias de quaresma e, se houver necessidade, durante outros dias depois das festas paschaes, preparar os adolescentes (os moços e as donzellas) com instrucções e exhortações apropriadas afim de santamente se prepararem para a primeira communhão.

4º Em cada parochia deverá ser instituido canonicamente um sodalicio com o nome de Congregação da Doutrina Christan. Os parochos, sobretudo onde o numero dos padres fôr restricto, tomem para auxiliares no ensino do catecismo pessoas leigas que se dediquem a esse ensinamento, tanto por zelo da

gloria de Deus como para ganhar as santas indulgencias, tão largamente concedidas pelos Pontifices romanos.

5º Nas grandes cidades, sobretudo naquellas em que ha Universidades, lyceus e gymnasios publicos sejam fundadas escolas de religião destinadas a instruir nas verdades da fé e nos preceitos da vida christan, a mocidade que frequenta as escolas publicas onde nem se falla em religião.

6º Porque, na nossa época sobre tudo, os adultos não têm menos necessidade que as creanças da instrucção religiosa, os parochos e todos aquelles que têm cargo d'almas, deverão, além da homilia costumada sobre o Evangelho, que devem fazer nos dias de festa na missa parochial, escolher a hora mais opportuna á concurrencia do povo—excepto a em que se ensinam as creanças—afim de fazerem o catecismo aos fieis de modo facil e ao alcance de cada um. Nestas instrucções, usem do Catecismo do Concilio de Trento, de tal sorte que, no espaço de quatro ou cinco annos, percorram tudo o que concerne ao Symbolo, aos Sacramentos, ao Decalogo, á Oração e aos preceitos da Egreja.

Assim estabelecemos e ordenamos, Veneraveis Irmãos, em virtude da Nossa auctoridade apostolica. Deveis proceder pela vossa parte, cada um na propria diocese, de maneira que estas prescripções sejam executadas integralmente e sem demora. Deveis vigiar e acautelar, no alcance da vossa auctoridade, para que as Nossas ordens não caiam no esquecimento, ou, o que vem a ser o mesmo, sejam cumpridas com negligencia e relaxamento. Para evitar realmente esta falta, convem que assiduamente recommendeis e ponhaes urgencia para que os parochos não ex-

pliquem o catecismo sem preparação, mas, ao contrario, se preparem para elle anticipadamente com cuidado, para não fallarem sómente palavras de sabedoria humana, mas «com simplicidade de coração e em sinceridade de Deus» (II, *Cor.* I, 12) sigam o exemplo de Christo que comquanto manifestasse coisas «occultas desde o começo do mundo» (MATH. XIII, 35), «fallava entretanto sempre ás multidões em parabolias» (Ib. 34). Nós sabemos que o mesmo procedimento foi seguido pelos apóstolos, instruidos pelo Senhor. Daquelles, dizia Gregorio Magno: «Tiveram o maior cuidado em prégar coisas simples aos povos rudes, ensinar coisas comprehensíveis e não elevadas e arduas» (*Moral.* I, XVII cap. 26). Ora, pelo que diz respeito á religião, hoje quasi todos os homens podem ser classificados entre os simples.

Não queremos porém que, em razão mesmo d'esse gosto que se deve ter pela simplicidade, alguém se persuada que este methodo d'ensino não exija trabalho nem meditação. Pelo contrario, exige-o mais que qualquer outro. E' muito mais facil encontrar um orador que falle abundante e esplendidamente, do que um catechista cujo ensino seja louvavel sob todos os pontos. Portanto, seja qual fôr a facilidade natural que alguém tenha para formar conceitos e para fallar, persuada-se que nunca poderá com proveito ensinar a doutrina christan ás creanças e ao povo sem estudo preparatorio e conveniente. Enganam-se os que, fiando-se na ignorancia e inferioridade intellectual do povo, pretendem poder n'estas materias obrar com negligencia. Antes, quanto mais rudes forem os ouvintes, tanto maior zelo e cuidado é necessario empregar para accommodar as verdades mais sublimes, já por si mesmas elevadas acima das

intelligencias ordinarias, á comprehensão mais fraca dos ignorantes que, assim como os sabios, têm necessidade de as conhecer para alcançar a eterna bemaventurança.

Finalmente, Veneraveis Irmãos, seja-Nos permitido terminar esta carta com as palavras de Moysés: «Se algum é do Senhor, ajunte-se commigo» (*Exod. XXXII, 26*). Reparae vos pedimos e supplicamos, nas calamidades que para as almas resultam da ignorancia das cousas divinas. Muitas cousas uteis e perfeitamente louvaveis foram talvez instituidas, na diocese de cada um de vós, para bem do rebanho que vos está confiado. Com tudo tende cuidado em urgir sobre todas as cousas, com todo o empenho, applicação e assiduidade e diligencia em que o conhecimento da doutrina christan penetre e se apodere por completo dos espiritos. «Cada um segundo a graça que recebeu, communique aos outros como bons dispensadores das differentes graças que Deus dá» (I. S. PEDRO, IV, 10).

Seja-vos propicia, com a intercessão da bemaventurada Virgem Immaculada, a benção apostolica que vos damos muito affectuosamente a vós, ao clero e ao povo confiado a cada um de vós, em testemunho da nossa caridade e penhor das graças celestes.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, a 15 de Abril de 1905, segundo anno do Nosso pontificado.

PIO X, PAPA.

fraca  
ne-  
terna

per-  
s de  
igo»  
sup-  
ltam  
uteis  
s, na  
o que  
urgir  
ação  
ento  
com-  
que  
pen-  
S.

oem-  
olica  
clero  
unho

Abril

